

Dona Laurinda

Caio Matos Santana

Naquela manhã de abril, o dia teve início com a melodia sôfrega da chuva. Finas gotas de notas musicais trincavam sobre o telhado como dedos ágeis a percorrer as teclas de um piano. Era, realmente, uma manhã melancólica aquela: o céu acinzentado que escondia o Sol, causando a sensação de que ainda era noite, e o choro manso das nuvens deixavam Dona Laurinda triste. É verdade que há muito andava assim um tanto sorumbática, silenciosa, pensativa. Mas, especialmente naquela manhã, se sentia mais infeliz. Talvez seu estado entristecido e o tempo chuvoso fossem o resultado de um mesmo impulso, uma mesma tensão, que, até o fim do dia, se rasgaria em um choro diluvioso.

Como de costume, antes das seis da manhã já estava acordada. Ainda sobre a cama, rolou lentamente para o lado, procurando a melhor forma para se levantar. Nesse momento, enquanto ouvia o crepitar das articulações, chegou à constatação óbvia e mesmo assim cruel de que o tempo não a poupou de seus efeitos degradantes. O corpo esquálido acumulava o cansaço de 54 anos dedicados às funções de mãe e dona de casa, tempo que durou seu casamento com o único homem com o qual viveu e com quem teve quatro filhos. Na semana que vem fará 75 anos – lembrou-se ontem quando, por acaso, encontrou uma foto antiga de uma festa de aniversário surpresa organizada por sua filha mais velha. – Setenta e cinco anos!, pensou vagamente sem nada concluir a respeito, apenas ruminou a ideia por alguns instantes, sentada na beirada da cama enquanto tomava fôlego para se levantar e começar a sua rotina diária.

O corredor que conectava o seu quarto com a cozinha lhe parecia aumentar a cada dia. A bem da verdade, a casa em que vivia não era exatamente uma mansão, mas estava longe de ser pequena. O imóvel foi comprado cerca de um mês antes do casamento, com o dinheiro proveniente do trabalho de seu falecido esposo e de empréstimos adquiridos com familiares de ambos. Ainda se recorda do quanto foi difícil pagar aquelas dívidas e lidar com as novas despesas que surgiam à medida que a família aumentava.

Lembra-se também que, com os passos seguros de sua mocidade, mesmo depois do quarto filho, dava conta de percorrer todo o perímetro de sua morada em poucos minutos. Agora, precisava se apoiar nas paredes para vencer os três metros que faltavam até a cozinha.

Quando finalmente chegou à porta do cômodo, avistou Gilberto, seu filho mais novo, sentado à mesa, já terminando o café da manhã. O rapaz, que voltou a morar com ela logo após o falecimento do pai, vivia entregue a uma rotina dupla de auxiliar de serviços gerais em um hospital estadual e cuidador da própria mãe há cerca de dois anos. Não gostava de admitir, mas se sentia exaurido. Ele, que não se casara nem tivera filhos até então, assumia essas funções mais por resignação do que por desejo. Gilberto tinha amor por sua mãe e sentia-se, de certa forma, sortudo por ter um trabalho em tempos tão difíceis. Porém, aquela não era nem de longe a vida que desejara para si.

– Dormiu não, foi? – Dona Laurinda, que tinha o costume de ser sempre a primeira a se levantar, se surpreendia por ver o filho desperto antes dela.

– A benção, mainha! Não preguei o olho essa noite – na verdade, ele não dormia bem há algum tempo. O hospital onde trabalha estava à beira do colapso por conta da pandemia de coronavírus. Gilberto temia por sua saúde e pela de sua mãe.

– Deus te abençoe! E o que foi que aconteceu?

O rapaz fez um gesto vago com a mão, um muxoxo, e disse que não era nada de importância. Achou prudente não preocupar ainda mais a mãe, que já se encontrava nervosa por causa das notícias assustadoras que lhe chegavam através dos telejornais. No entanto, ocultar-lhe os fatos não ajudava a diminuir sua apreensão. É comum os jovens confundirem velhice com tolice, achando que os velhos vão cair com facilidade em qualquer tapeação. Se tinha uma coisa que Dona Laurinda estava longe de ser era tola, e dizia: – Enquanto vocês vinham com o caju, eu já estava voltando com a castanha. Sabia do tal “colapso iminente do Sistema de Saúde”, do número crescente de mortes e das atitudes negligentes do governo.

Perguntou-se, então, se seria esse problema que a estava deixando mais triste ultimamente. Fitou ligeiramente a janela do outro lado do cômodo e inquiriu ao céu por que aquela lamúria viscosa se, para que se sentisse deprimida, já eram suficientes as dores da velhice e a preocupação com a saúde dos filhos em meio aquele caos. Há quem acredite em uma conexão mística nisso; há quem diga que, através das emoções, as pessoas se reencontram com a natureza, mas Dona Laurinda teria preferido que aquele pranto se dissipasse e o céu a presentearse com uma manhã ensolarada. Até porque andava às voltas com a natureza e suas criaturas invisíveis ameaçadoras – vira isso em um documentário na televisão.

Àquela hora da manhã, costumava se sentar por poucos minutos para tomar apenas dois dedinhos de café, pois não sentia fome assim que acordava. Efetivamente,

só fazia isso porque aquele era o tempo em que transcorria o ritual esbaforido de Gilberto para se aprontar para o trabalho. Gostava de vê-lo indo para o quarto, depois ao banheiro e retornando pela última vez ao quarto, deixando atrás de si um cheiro de sabonete mesclado com desodorante. Ficou ali, bebericando o café, pacientemente, para vê-lo vestindo as roupas sobre o corpo ainda úmido por conta do banho, arrumando a sacola, onde colocava as roupas que usaria no hospital, e, por fim, saindo rumo à porta principal.

– Estou saindo, mainha!

– Deus lhe acompanhe, meu filho! Bom trabalho.

O rapaz sempre fora vaidoso, gostava de andar limpo, bem arrumado, mas, depois da pandemia, tinha ficado ainda mais cuidadoso: ao chegar do trabalho, entrava pelo vão lateral da casa e ia direto ao quintal, onde tirava as roupas que estava vestindo, lavava as mãos e corria para o banho. Também tinha adquirido o incômodo, porém necessário, hábito de usar máscara na rua. Dona Laurinda até cortou uma camisa velha de algodão e, de seu tecido, fez para o filho, em sua velha máquina de costura, duas máscaras, que vieram a calhar, pois as do trabalho eram descartáveis (só as usava naquele espaço) e, além do que, estavam quase em falta.

Resistindo à dor cortante no quadril, se levantou e foi até a sala para ver sua cria ganhando distância ladeira abaixo. Chegou à janela a tempo de ouvir uma última recomendação:

– Olhe, a senhora fique atenta, porque Tereza falou que deve ligar mais tarde.

O som da voz de Gilberto, reverberando sob a cúpula do guarda-chuva e oprimido pela garoa daquela manhã de abril, chegou fraco aos ouvidos de Dona Laurinda, mas chegou trazendo uma dose de alegria. Ela de pronto se sentiu ansiosa pela possibilidade de matar a saudade que tinha de sua menina mais nova. Ia perguntar por Josevaldo, seu outro filho que, assim como Tereza, morava em Salvador há quase 15 anos. Os dois custavam a vir lhe visitar, porque o excesso de trabalho e a escassez de recursos os impediam de estar sempre que desejassem com a mãe. Dessa forma, cada ligação era como uma ponte que se edificava entre ambos, uma alternativa para amenizar a saudade.

Desejou com a mesma intensidade de sempre as ligações de Tereza. Sabia que, antes de haver o tal vírus, existia o desemprego, a violência e todas as outras formas de mazelas das metrópoles, que não desapareceram com a nova ameaça, pelo contrário, somaram-se a ela. Quando muitos pareciam dizer que o Mal se materializou naquelas

formas microscópicas, Dona Laurinda, com a sabedoria de quem já viveu muitas décadas, entendeu que a doença era mais uma das muitas maleficências as quais todos estão expostos. E pensava consigo:

– Uns mais do que outros.

Permaneceu próxima a janela por alguns instantes, tão distraída por esses pensamentos, que nem notou que a chuva havia dado uma trégua. O Sol, entretanto, continuou tímido, se mostrando apenas entre as frestas da cortina cor de grafite que revestia o céu. Dona Laurinda despertou de seus devaneios depois que uma nesga desse Sol lhe iluminou a face. Então, suspirou, endireitou o corpo, pôs as duas mãos no quadril e deu outro suspiro – sentia que precisava respirar melhor, pois o desânimo, da mesma forma que os vírus, afeta os pulmões. De fôlego renovado, foi cuidar da vida.

Trocou a camisola da noite anterior por um vestido florido de malha de algodão, prendeu o cabelo com um lenço, enfrentou o serviço doméstico com a mesma dedicação e zelo que imprimia em juventude, mas com bem menos vitalidade. Levava o dobro de tempo para varrer qualquer um dos cômodos. Praguejava contra as dores no corpo. O ar parecia vazar através do peito e, por isso, era obrigada a parar regularmente para renovar o fôlego. Já não lava os banheiros nem a varanda, era Elenora quem cuidava dessas coisas. Aliás, a filha mais velha vinha pelo menos duas vezes por semana e fazia um “faxinação”. Viria todos os dias se pudesse, mas tinha também que trabalhar e cuidar dos filhos. Os netos, a propósito, costumavam visitar Dona Laurinda depois que saiam do colégio, mas as aulas estavam suspensas e as recomendações eram de que as crianças ficassem afastadas dos idosos por enquanto.

– Um médico estava explicando, mãe, que as crianças podem passar a doença para as pessoas mais velhas. Eu vi dizer que, em outros países, as crianças tinham o vírus mesmo sem estar doentes e acabavam passando para os avôs – Elenora tentava justificar o afastamento dos meninos. Ela mesma só ia lá porque era necessário não deixar Dona Laurinda desamparada na ausência de Gilberto.

Achava difícil ter que lidar com tantas ausências. Também achava difícil lidar com a velhice. Contudo, isso era inevitável e seguia, assim, envelhecendo um pouco mais a cada dia. Imaginava como seria ainda mais difícil envelhecer, no contexto atual, com medo, sozinha na maior parte do dia, distante dos seus.

Não lhe restavam muitos amigos. Os que continuavam a vencer os anos, como ela, se encontravam também enclausurados, tendo que lidar com as ausências, as dores da velhice e os temores de hoje. Portanto, estava só, apesar de dividir a casa com

Gilberto, apesar das visitas de Elenora, apesar das ligações de Tereza. Pensar nisso fez com que retornasse a melancolia daquela manhã.

E choveu outra vez.

No final da tarde, Tereza ligou. Não lembrava por quanto tempo conversaram. Lhe pareceu muito tempo, mas não o suficiente. E talvez fosse impossível satisfazer-se somente com aquela ligação, afinal havia assunto demais e saudade demais. Uma ligação era pouco, pois a saudade traz consigo uma demanda física: queriam se ver, se abraçarem, e conversar por todo o dia. Como isso não seria possível tão cedo, desatinavam a falar ao telefone. Tereza tagarelava sem parar, mal dava espaço para que Dona Laurinda também falasse. Precisava dizer:

– Escuta, menina! Oxe, parece que engoliu um papagaio.

– Não, mainha! É que eu preciso contar a nova de Josevaldo... Aquele homem está ficando doido, só pode!

Tereza queixou-se de Josevaldo, que teimava em não fechar o bar onde trabalhava, mesmo depois das proibições do governo do estado e das ameaças de multa da prefeitura. E Dona Laurinda se preocupava. O filho sempre fora teimoso e, agora, ao que parece, estava ficando estúpido. Desse assunto, Tereza emendava outra notícia: o marido começava a receber o auxílio emergencial do governo federal.

– Esse dinheiro vai ajudar muito, porque, desde que ele ficou desempregado, tem sido difícil pagar as contas só com meu salário, e seguia relatando os detalhes da condição financeira a mãe.

E Dona Laurinda se preocupava.

– O bom é que, graças a Deus, ninguém aqui ficou doente – Tereza tentava melhorar o cenário que pintava.

Assim mesmo, Dona Laurinda se mantinha preocupada com os filhos.

Depois que a ligação terminou, Dona Laurinda percebeu a casa dominada pela penumbra. Acendeu a luz da sala e da varanda, ligou o rádio e ouviu a Ave Maria de Gounod: 18 horas, anoiteceu enfim. Logo mais, Gilberto estaria de volta, provavelmente, todo molhado porque começou a chover forte. Cansada daquele dia cinza e de toda aquela preocupação, ela se sentou numa cadeira próxima à varanda, respirou a melancolia úmida suspensa no ar e desabou em um choro inconsolável.